

## Maria Raquel Freire “Putin não detém poder ilimitado no espaço pós-soviético”

**GEOPOLÍTICA** Professora catedrática de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a autora de *A Rússia de Putin – Vetores Estruturantes da Política Externa* admite ao DN ter ficado surpreendida com a invasão da Ucrânia. E explica que o presidente russo “decide muitas vezes sozinho”.

ENTREVISTA HELENA TECEDIRO



**Apesar dos alertas repetidos dos EUA de que a invasão da Ucrânia estava iminente, muitos achavam que era bluff de Putin. Ficou surpreendida com o timing e a dimensão da invasão russa?**

Fiquei surpreendida. Tenho-o dito várias vezes. Não esperava que Putin avançasse com a invasão da Ucrânia. A política de desestabilização e limitação da soberania ucraniana estava em curso, e desde 2014 tinha-se tornado o evidente com a anexação da Crimeia e a guerra no Donbass. Quando, no contexto da escalada de tensão mais recente, Putin anuncia o reconhecimento da independência de Lugansk e Donetsk, parecia ter cumprido o seu objetivo de limitação da soberania ucraniana, de bloqueio a qualquer tentativa de integração da Ucrânia na NATO, colocando mais uma vez a NATO e a União Europeia numa situação

difícil e fazendo uma nova demonstração de poder e capacidade, que, aliada às suas exigências de revisão da ordem de segurança internacional, pareciam conferir a Putin alguma vantagem negociadora. Contudo, a invasão dá-se. E na minha perspetiva altera completamente o jogo contra Putin. A resposta coesa do Ocidente, visível nos pacotes de sanções, mas também no reforço das forças da NATO e na disponibilidade europeia para aumento de despesas na área da defesa, a suspensão do Nord Stream 2, a própria mobilização na Assembleia-Geral da ONU na condenação da chamada ‘operação militar especial’ russa na Ucrânia, onde apenas quatro Estados votaram ao lado da Rússia (Bielorrússia, Coreia do Norte, Eritreia e Síria), sublinhando ainda, neste contexto, a ausência de votos favoráveis de países do espaço pós-soviético, à

“*Putin é um líder que se isola, tem um grupo de conselheiros restrito e decide muitas vezes sozinho. O Kremlin não é uma entidade homogênea, e o afastamento de alguns conselheiros e oficiais do aparelho de segurança demonstra isto mesmo, e, como vozes dissonantes, serão punidas.*”

exceção da Bielorrússia, são ilustrativos de desenvolvimentos contrários ao interesse do Kremlin. Com esta invasão, a Rússia contribuiu para o seu isolamento, e, independentemente do desfecho desta guerra, é já evidente que perdeu credibilidade junto do Ocidente e não sairá fortalecida.

**Há quem aposte no maior envolvimento da Bielorrússia, com o envio de tropas para a Ucrânia. Há tempos descrevia ao DN a relação de Putin e Lukashenko como “amor-ódio”. Neste momento, o presidente bielorrusso tem alguma opção a não ser ficar com o Kremlin?**

Talvez o descritivo ‘amor-ódio’ se continue a aplicar, contudo, a margem de manobra de Lukashenko diminuiu consideravelmente desde os protestos contra a sua reeleição, considerada falseada e limitando qualquer espaço político a formas de oposição e levando a um pedido de apoio ao regime de Putin. Na altura, acusações de que o Ocidente estava a planejar uma conspiração contra o regime, visando, na realidade, a alteração de poder em Moscovo, chegaram a ser parte da argumentação bielorrussa. Putin assegurou a lealdade geopolítica de Minsk e também que quaisquer tentativas de alteração de poder seriam severamente reprimidas. O aumento de influência de Moscovo sobre Minsk retirou a esta quaisquer pretensões de maior independência no quadro da união com a Rússia, um exercício que Lukashenko procurou fazer nos últimos anos, e parece definitivamente limitado.

**Tendo em conta as ambições imperialistas de Putin, é credível que procure alastrar o seu domínio sobre outras ex-repúblicas soviéticas?**

Esta questão tem estado em cima da mesa, em particular relativamente ao espaço pós-soviético e como a Rússia pretende aqui manter a sua influência, naquilo que sempre descreveu como uma área vital à sua segurança. Contudo, Moscovo não foi capaz de gerar poder de atração sobre estes Estados, que foram desenvolvidos por políticas externas autónomas e nem sempre em alinhamento absoluto com a Rússia. Putin não detém poder ilimitado no espaço pós-soviético. O uso da força para conter desenvolvimentos contrários aos seus interesses é prova disto mesmo. Pelo caminho, a Rússia perdeu a Geórgia e a Ucrânia (já em 2014), onde movimentos nacionalistas cresceram consideravelmente. O Cazaquistão, um aliado tradicional de Moscovo e onde nos recentes protestos o presidente Tokayev solicitou o apoio russo e a intervenção da Organização do Tratado de Segurança Coletiva, não se tem mostrado favorável à guerra na Ucrânia. Não enviará forças militares nem reconhece a independência de Lugansk e Donetsk. Como referi há pouco, nenhum país do espaço pós-soviético, à ex-

ceção da Bielorrússia, votou nas Nações Unidas ao lado de Moscovo. Poderá haver a pretensão de anexação/reconhecimento de independência da Transnístria, arastando assim a Moldávia também para um novo conflito armado? Poderá, mas não me parece uma estratégia ganhadora. Na verdade, a Rússia tem já uma base militar na Transnístria que serve o propósito de ‘posto avançado’ militar naquela área. Os custos materiais e normativos associados a um projeto expansionista territorial no espaço pós-soviético são demasiado pesados. E existirá a possibilidade de criar instabilidade nos Bálticos, potencialmente através das minorias russas aí residentes? Existe, mas mais uma vez parece um cenário difícil de concretizar, e aqui as implicações seriam bem diferentes, pois um ataque a um Estado da NATO significa um ataque à Aliança Atlântica. A guerra da Rússia com a NATO seria então inevitável.

**Putin é um homem isolado na Rússia ou o seu pensamento estratégico é partilhado pelas elites russas?**

Putin é um líder que se isola, tem um grupo de conselheiros restrito e decide muitas vezes sozinho. O Kremlin não é uma entidade homogênea, e o afastamento de alguns conselheiros e oficiais do aparelho de segurança demonstra isto mesmo, e, como vozes dissonantes, serão punidas. Além disso, é interessante notar como alguns colaboradores próximos se têm afastado, assumindo uma voz crítica face a esta guerra. A demissão apresentada por Anatoly Chubais nos últimos dias e os comentários críticos de Andrey Kortunov, este último diretor do Conselho de Assuntos Internacionais da Rússia, são exemplo disso. Mas Putin é um líder poderoso e as suas decisões falam mais alto.

**Termine esta guerra como terminar, como é que o mundo vai lidar com Putin depois da invasão da Ucrânia?**

Pergunta difícil. O que os anos de Putin no poder nos ensinam é que as tentativas de criar laços de confiança falharam. A Rússia foi socializada nas estruturas ocidentais, participou da Parceria para a Paz no âmbito da NATO, integrou o Conselho NATO-Rússia, assinou uma parceria estratégica com a União Europeia, foi membro do Conselho da Europa, enfim, apesar das questões de segurança que foi apontando, da ameaça que o alargamento da NATO materializa e da exclusão do sistema de segurança europeia que repetidamente refere, houve estruturas, mecanismos e diálogo a diferentes níveis que procuraram criar uma base de entendimento. Tudo falhou. As relações do Ocidente com a Rússia não são promissoras, a quebra total de confiança que vivemos levará tempo a ser gerida.

helena.r.tecedeiro@dn.pt

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Domingo 27.3.2022 / Diário / Ano 158.º / N.º 55858 / €1,80 / Diretor-geral editorial Domingos de Andrade / Diretora Rosália Amorim / Diretor adjunto Leonídio Paulo Ferreira / Subdiretora Joana Petiz

**HOJE  
GRÁTIS**  
REVISTA



## 38 EX-AGENTES DAS SECRETAS ADMITIDOS NA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

**ESTADO** Em dez anos, a Secretaria-Geral da PCM admitiu ex-espões que voluntária ou involuntariamente deixaram os serviços de informações. Alexandre Guerreiro é um deles e as suas posições, vistas como pró-Rússia, não incomodam a ministra da Presidência. "Qualquer cidadão é livre de emitir opiniões", diz a número dois do primeiro-ministro. **PÁGS. 10-11**

**Governo**  
Mariana Vieira da Silva, da sombra de Costa a superministra  
**PÁG. 12**

**Reabilitação**  
Investimento chega a 5 mil milhões em três anos  
**PÁG. 20**

**Energia**  
Portugal é o 11.º país da Europa entre os mais dependentes  
**PÁG. 21**

**Olímpicos**  
O cirurgião atirador, o velejador medalhado e o ginasta pioneiro  
**PÁGS. 22-23**



**Hoje há Oscars**  
Surpresas de uma cerimónia conduzida por três mulheres  
**PÁGS. 24-25**

**GUERRA  
NA UCRÂNIA**  
Chovem mísseis em Lviv

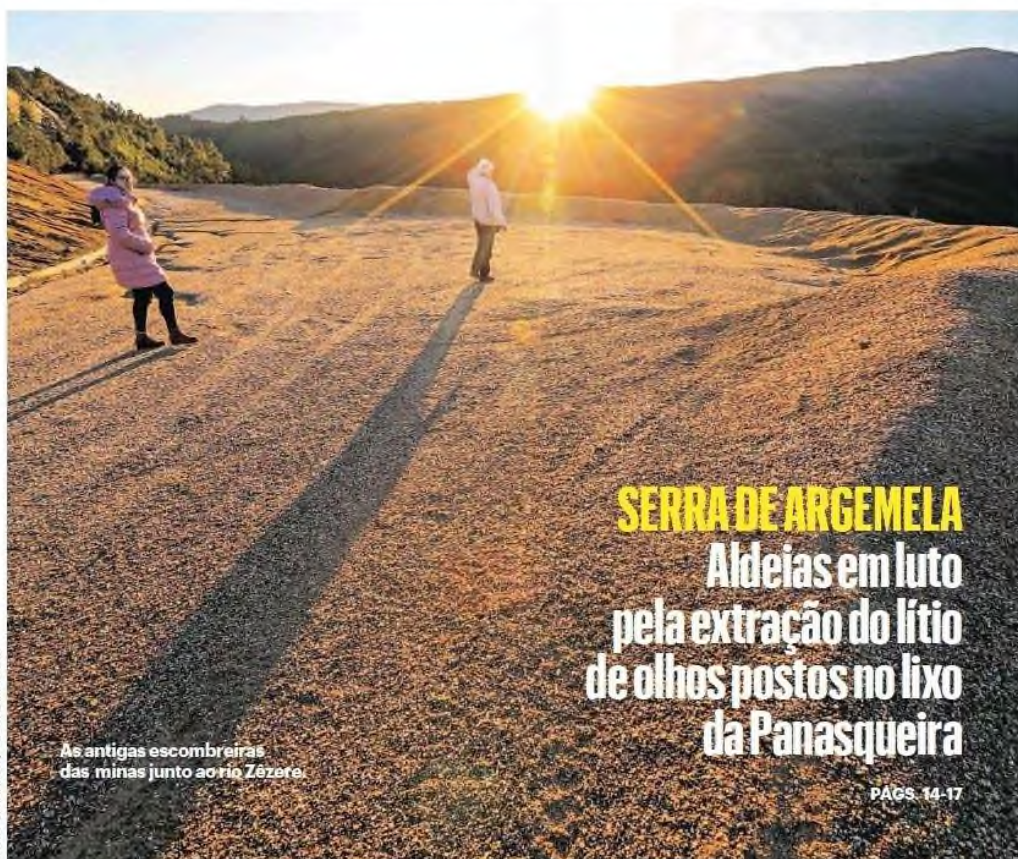
**ANÁLISE DE  
GORDON BROWN**  
"O processo judicial de Putin começa agora"

**REPORTAGEM**  
Comboio que liga Rússia à UE faz última viagem

**MARIA RAQUEL  
FREIRE**  
PROFESSORA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
"Putin não tem poder ilimitado"

**ESPAÇO**  
Moscou e Pequim aproximam-se

**PÁGS. 4-8**



**SERRA DE ARGEMELA**  
Aldeias em luto pela extração do lítio de olhos postos no lixo da Panasqueira

As antigas escombrelas das minas junto ao rio Zézere.

**PÁGS. 14-17**